



Estágio na TV Paraíba: Práticas na produção, realização e edição de reportagens¹

Diego Freire de ALMEIDA²
Raija Maria Vanderlei de ALMEIDA³
Universidade Federal de Campina Grande, PB

Resumo

Este relato é um convite aos estudiosos do campo da Comunicação Social, relacionados com a área de telejornalismo, a conhecer mais alguns aspectos da prática na produção de reportagens e do trabalho feito na redação de uma tevê. Com as atividades realizadas na TV Paraíba é possível descrever os principais processos do exercício do telejornalismo. Iremos abordar aqui princípios que são incorporados dentro de uma emissora de televisão, tomando como base outros relatos de experiências que já foram abordagens de trabalhos de diversos jornalista nacionais. Vamos demonstrar o processo de produção, realização e edição de uma reportagem, tendo em vista que no âmbito do estágio, a emissora permite que o aspirante de jornalista desenvolva atividades atribuindo-lhes responsabilidades e confiança.

Palavras-chave

Jornalismo; Telejornalismo; Práticas; Reportagens

Introdução

Primeiramente, é necessário que façamos um apanhado sobre as características do âmbito que foi, e ainda é, base para o relato aqui feito. Trata-se da TV Paraíba, emissora afiliada à Rede Globo em Campina Grande, no Estado da Paraíba. A empresa, que existe há 28 anos, faz parte do Grupo Paraíba de Comunicação, que conta com outras empresas do ramo, são elas os portais G1 Paraíba e Globo Esporte Paraíba, o impresso Jornal da Paraíba, as rádios Cabo Branco FM e CBN João Pessoa e a TV Cabo Branco, sediada em João Pessoa, Capital Paraibana.

No que se refere a princípios editoriais, a empresa é muito rígida e clara, segue os mesmos conceitos da Rede Globo, prática comum entre as afiliadas em todo o Brasil, havendo inclusive uma relação de aproximação muito forte entre afiliadas e a Globo. Isso é possível

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015

² Graduando do 6º período do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande, PB. E-mail: diegoeduc@gmail.com

³ Orientadora do trabalho e professora do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande, PB. E-mail: raijaalmeida@gmail.com



perceber justamente pela padronização dos conteúdos que são publicados na página na internet através do site G1, que também dispõe de páginas específicas para cada Estado. Para que as afiliadas sigam uma mesma linha editorial, existe um documento disponível no site do Grupo chamado “princípios editoriais”. É possível acessar esse documento estando na página inicial do site G1 de qualquer região. É possível identificar o objetivo geral do documento e do que se trata logo no início da leitura.

Desde logo, é preciso esclarecer que não se tratou de elaborar um manual de redação. O que se pretendeu foi explicitar o que é imprescindível ao exercício, com integridade, da prática jornalística, para que, a partir dessa base, os veículos das Organizações Globo [hoje Grupo Globo] possam atualizar ou construir os seus manuais, consideradas as especificidades de cada um. O trabalho tem o preâmbulo “Breve definição de jornalismo” e três seções: a) Os atributos da informação de qualidade; b) Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha; c) Os valores cuja defesa é um imperativo do jornalismo (“Princípios Editoriais das Organizações Globo”, p.1).

É necessário reconhecer tais princípios para que haja uma melhor compreensão de todo o processo de práticas jornalísticas no âmbito da empresa. Trabalhamos, portanto, na afirmativa de que existe uma padronização na qualidade da notícia que perpassa as fronteiras de regiões e estados para que os frutos do árduo trabalho intelectual do jornalista seja digno e reconhecido como produto de conhecimento pelas audiências.

Práticas Jornalísticas

As atividades que são realizadas na TV Paraíba fazem parte das disciplinas de estágio do Curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação da UFCG. Levando em consideração que a linha de formação do graduando em Comunicação Social da UFCG é mais voltada para a área de gestão da comunicação pelo viés da educação, é indispensável frisar que o estágio trata-se de um desafio, isto é, aprender na prática o que não era possível ver na teoria, tendo em vista que a grade curricular do curso não dispõe de disciplinas voltadas ao telejornalismo.

Com essa colocação, também é possível observar que, a prática de atividades jornalísticas durante o estágio curricular são importantes nesta fase em que o futuro profissional se encontra, que é a fase de estudante, aprendiz. O que se aprende em uma redação de TV é o mundo fantástico do processo de produzir notícias, e essa realidade só é possível no momento em que o estudante de Comunicação Social tem a oportunidade de



desenvolve-las. O período do estágio, são meses que devem ser valorizados pelo aluno com muita dedicação, pois é uma etapa decisiva para a formação profissionalizante, e ele deve ter a certeza de que quando encerrar o contrato do estágio, estará apto a assumir qualquer função em uma empresa de comunicação, com uma agenda recheada de contatos, uma carga de conhecimento prático muito grande na área e o respeito de muitos colegas de profissão, sem falar nas amizades importantes que se consegue quando se trabalha nesse ramo.

Para que possamos compreender bem todo o processo aqui exposto, vamos estabelecer aproximações e distanciamentos do que é viável ou não na produção de reportagens. Iniciaremos, portanto, pela base fiel desse processo, a estrutura indispensável do telejornalismo e do jornalismo em geral. Trata-se da produção, a raiz grandiloquente do jornalista.

Para termos uma noção da importância desse profissional, há relatos de que é possível identificar um repórter ou editor que foi, ou não, um produtor, isto é, há uma escala evolutiva, e tudo começa pela produção. O produtor é aquele que traça o que será feito durante a semana pelas equipes de reportagens, geralmente a reunião de planejamento é feita no fim de semana. No caso da TV Paraíba esse planejamento é feito sempre na sexta-feira.

Comumente, os estagiários selecionados na emissora iniciam as atividades na produção, existe um número considerável de nomes na imprensa local que começaram a carreira na produção da TV Paraíba, dado que mostra o quanto a emissora se caracteriza como uma espécie de fábrica de profissionais.

No que se refere ao produtor de conteúdo, ele tem o dever de estar sempre bem informado, e para isso está a sua disposição, diariamente, dois importantes jornais impressos do estado, o Jornal da Paraíba, veículo do mesmo grupo e o Correio da Paraíba, pertencente ao Sistema Correio de Comunicação, empresa afiliada à Rede Record. Há também a possibilidade de navegar nos principais sites, locais, regionais e também os nacionais. Além disso, o profissional tem a seu dispor um telefone para apurar todas as informações que forem necessárias para a produção de uma matéria.

Todas essas ideias e informações do produtor vão se transformar no que eu costumo chamar de guia para a realização do conteúdo, a pauta. A pauta no telejornalismo contém especificidades diferentes das que são feitas nos demais veículos, isso por que nela, além das informações e encaminhamentos, o produtor deve sugerir passagens, dicas de imagens e ainda o direcionamento de como a matéria deve ficar. Sobre esse instrumento fundamental no telejornalismo Melo (1985) nos diz que “A pauta não é apenas um elenco de



temas ou assuntos a serem observados pelos jornalistas, mas uma indicação dos ângulos através dos quais os acontecimentos devem ser observados e relatados”.

É muito comum você ouvir numa redação de TV que uma pauta não rendeu, e esse “desastre” pode acontecer por inúmeros motivos, um deles é o cuidado e compromisso que o produtor teve ao montar sua pauta. Se o produtor não a planejou de forma detalhada, esse erro vai ser como uma espécie de efeito dominó e o resultado vai ser visto na ilha de edição, assunto que trataremos no decorrer do trabalho.

O grande problema é quando uma matéria é derrubada pelo repórter sem que haja uma justificativa convincente. Essa é uma questão que vai muito além da boa vontade do jornalista, acontece que em muitos casos, a falta de conhecimento do repórter impede que ele seja criativo na hora de construir a reportagem. Para que isso não aconteça há uma solução apontada por Bistane e Bacellar (2014).

Quando o repórter possui boa cultura geral encontra mais facilidade para buscar algo diferente, contextualizar ou mesmo entender os acontecimentos com a agilidade que a televisão exige. Além da leitura diária, dos jornais, o repórter deve ler um pouco de tudo – “de bula de remédio a teses de doutorado”, ensinavam os jornalistas mais velhos. Se preferir enxugar um pouco a lista, tudo bem, exclua a bula dos remédios. Mas não deixe de ler escritores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Euclides Cunha, Jorge Amado. Esses e tantos outros que oferecem, além de uma leitura prazerosa, exemplos de textos bem escritos e ricos em vocabulário (BISTANE e BACELLAR, 2014, p. 55).

A questão é que nessa área da comunicação, acima de tudo, convivemos com pessoas, e a relação dessas pessoas nem sempre são as melhores, pois um bom produtor, por exemplo, vai defender a sua pauta até o fim, vai adota-la como se fosse um filho, vai lutar por ela, para que ela renda e que resulte numa belíssima reportagem, mesmo que quando premiada, o mérito seja do repórter.

Entretanto, para que o produtor defenda sua ideia, é preciso ter, também, argumentos. O trabalho dele na produção não pode se resumir a transformar *press-releases*⁴ ou notícias de sites em grandes reportagens. A reportagem exige muito mais do que isso. É preciso apurar, checar, confirmar, marcar, pensar. O produtor também deve ter uma visão além do que se vê, deve imaginar como tudo pode acontecer, como a reportagem pode ser feita, se colocando no lugar do repórter e fazendo a si mesmo uma pergunta essencial: “como

⁴ Rabaça, Carlos Alberto e Barbosa, Gustavo. Dicionário de Comunicação, p, 403. O press-realease é um texto informativo distribuído à imprensa (escrita, falada ou televisada) por uma instituição privada, governamental etc., para ser divulgado gratuitamente, entre as notícias publicadas pelo veículo.



eu faria essa matéria?”. Só assim é possível defender seu conteúdo, tendo a noção de imagens, locações, iluminação, som. Quero dizer com isso que o produtor deve saber se no local da gravação não vai haver barulho ou ruídos que possam atrapalhar, se as paredes do galpão onde será gravado um ensaio de quadrilha não vão estar sujas e feiras a nível de imagens, e ainda se a proposta de matéria pode render boas imagens para que o repórter narre a história sem muitos problemas.

As rondas policiais e as matérias de última hora

Um ponto importante que não poderia deixar de citar é a questão de estar muito bem atualizado e informado do que acontece ao seu redor. Para isso é necessário uma agenda específica, a chamada agenda de rondas. Geralmente é uma parte de sua agenda de contatos telefônicos que terão números de instituições como Polícia Civil, Polícia Militar, Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Unidade de Medicina Legal, Hospitais da cidade, SAMU, cadeias públicas, presídios entre outros. É importante também criar um vínculo profissional com pessoas que trabalham nesses locais, conseguir os números dos telefones pessoais dessas pessoas é sempre uma conquista.

Tendo todos esses contatos, o produtor parte para a prática, é necessário fazer rondas telefônicas de instantes em instantes, um caso sério pode acontecer em questão de segundos, e o jornalista deve ficar informado sempre. São muitas as ocorrências policiais que surgem no decorrer do dia, quando o balanço do dia está cheio de factuais os jornalistas costumam falar que “a bruxa está solta”. É um termo que designa um dia de muitas ocorrências envolvendo assaltos, homicídios, acidentes, e etc.

Mesmo com tantas ocorrências, é necessário que o repórter produtor atento, dois elementos essenciais são levados em conta, a veracidade da informações e a qualidade dela. Quanto a veracidade, esse é um problema que quem trabalha dentro de uma redação tem que lhe dar diariamente, isso por que tem casos em que as próprias autoridades policiais deixam de passar ou passam de forma equivocada, talvez pra se livrar logo da ligação do jornalista.

Um outro ponto importante é justamente a qualidade do que vai ao ar na televisão, tendo por base o que já se aprende nos cursos de graduação em Comunicação Social, nem tudo que acontece rende notícia, muito menos uma reportagem. É muito comum um produtor estar apurando uma informação de um acidente e quando terminar de falar ao telefone dizer “ah não morreu ninguém”. O que não significa dizer que o jornalista é um profissional frio, é



que com a rotina ele vai aprendendo a lidar com os casos de uma forma menos chocante.

Para os profissionais que trabalham na Rede Paraíba de Comunicação, os cuidados não podem faltar nunca, isso por que pelos próprios princípios da emissora, muito do que é divulgado na internet, em sites ou blogs, jamais pode ser divulgado na TV. Um exemplo disso são fotos ou vídeos que apareçam pessoas mortas ou sangue. Afinal, Silvio Henrique Vieira Barbosa já indagou que.

Dos programas popularescos, o sensacionalismo acaba por afetar até mesmo o jornalismo dito sério. Na guerra pela informação e pelos pontos no Ibope, a mídia abre mão dos preceitos básicos do bom jornalismo: ouvir todas as partes envolvidas, procurar conferir as informações antes de divulgá-las, e não condenar previamente simples suspeitos ou acusados (BARBOSA, 2010, p.63).

A notícia deve ser manuseada com muita seriedade e o jornalista sempre deve ter a concepção dos danos que a má informação pode trazer para a sociedade. É importante frisar e reforçar a ideia de uma apuração bem feita. O próprio nome já nos revela sua importância, a apuração entra tantas outras coisas está relacionado com a averiguação. Sem averiguar não dá pra divulgar.

Mas nem por isso devemos temer as notícias quentes, os factuais. Temos que correr contra o tempo para se ter uma boa apuração, ter cuidado com o trabalho não significa ser devagar pra não errar, quanto mais agilidade, melhor. Mesmo se tratando de jornal impresso, a afirmação de Noblat é bem pertinente nesse sentido.

Jornalista gosta de trabalhar contra o relógio – e esta é uma de suas virtudes e um dos seus graves defeitos. É capaz de produzir uma ótima edição e de fechar sem atraso dezenas de páginas quando atropelado em hora imprópria por um fato importante. Mas, se o dia está pobre de notícias quente, é capaz de atrasar o fechamento e de fazer uma edição medíocre (NOBLAT. 2002, p.25).

Experiências nas “Externas”

Depois de um certo período vivendo a rotina de uma redação, chega o momento em que os estagiários são encarregados de mais uma missão. Sem dúvida, é o momento em que a maioria dos aspirantes a jornalistas se sentem realizados, quando saem para fazer a primeira reportagem de rua. Eu diria que dá uma sensação de vaidade por segurar um



microfone de TV, já que antes de cair na rotina e ver a profissão como um simples trabalho, a maioria dos estagiários entram em uma emissora de TV como sonhadores, vendo a profissão como algo estético. Mas o futuro profissional não pode ficar preso a essa ideia, ele tem que ser flexível, isso por que vaga para repórter é muito escassa, e quando surge, a concorrência nem sempre é leal.

Mas, voltando ao que havíamos exposto, quando chega o momento do estagiário realizar a reportagem, sair da casca de uma redação e vivenciar lá fora os desafios do trabalho de um repórter, é o exato momento para a mais grandiosa dedicação que ele deve ter, e o principal objetivo é fazer um texto de *off*⁵ claro, consistente e coeso. Dá orgulho não ter o texto retalhado pela edição. Mas antes de comandar a equipe de reportagem é interessante que o estagiário já tenha acompanhado a equipe em ocasiões precedentes, ele deve ter consciência do verdadeiro papel de um repórter.

Ser repórter é, num sentido restrito, colher, elaborar e transmitir a informação. É esta a sua função. Num sentido amplo, porém, ser repórter é ter olhos – curiosidade e observação – para tudo. Todo dia e hora. Seja ele redator, radioescuta ou editor. Há quem diga que, no passado, não havia os recursos técnicos que hoje ajudam a reportagem, mas que havia mais repórteres. (PORCHAT, 1989, p.51)

O profissional que trabalha, em seu maior tempo, na parte externa da empresa, tem que estar muito atento ao que acontece ao seu redor. O repórter é esse profissional, na redação o máximo que pode ser feito é construir pautas por meio de apuração telefônica ou pelas notícias de sites ou releases de órgãos. Tem coisas na rua que não se consegue visualizar de dentro de uma redação. O repórter tem o dever de trazer da rua novas ideias de reportagens, pois é indo a campo que se encontram os melhores personagens e as melhores ideias.

Só para tomarmos como exemplo, foi dentro de um ônibus, quando estava a caminho da TV, que encontrei o melhor personagem para narrar o aumento na conta de energia elétrica que explodiu no início de 2015. Uma senhora pobre, cadastrada no programa bolsa família, que mal podia se sustentar com o que ganhava e que teve um aumento na conta elétrica de mais de 100%.

Com isso, quero expor justamente a importância de você, além de ser o profissional, viver a profissão, estar conectado e atendo a tudo que acontece, e é só no papel

⁵ Vargas, Heidy. Manual de redação. Texto feito pelo repórter com base nas imagens oferecidas pela equipe de reportagem.



de repórter que você tem essa possibilidade. É a grande questão do corpo a corpo, sem frescuras. É muito importante que o profissional da externa tenha essa noção, o de fazer parte também do processo de produção da reportagem, ele faz parte de processo, uma matéria começa na produção e termina na edição, mas também passa pelo repórter que é uma das partes principais do processo. Como já afirma Porchat (1989) “todos os profissionais envolvidos no departamento de jornalismo devem ler, ver e ouvir todos os veículos que fazem jornalismo para ficarem atualizados”

Antes de sair da redação, o repórter da externa é “munido” de informações que estão contidas na pauta, ele deve estar seguro do que vai encontrar na externa. É importante ele conhecer seus entrevistados, ler a pauta que fora feita pelo produtor e compreender qual é a proposta e o foco da matéria.

Na pauta, ele vai encontrar o roteiro que deve seguir na reportagem, com os horários e os entrevistados que ele vai encontrar nos locais, esses locais também devem estar descritos com pontos de referência para otimizar o trabalho da equipe. Mas também é importante que haja uma relação de confiança entre repórter e produtor.

Com a pauta lida e compreendida é hora de começar o trabalho. Ao chegar no ambiente da entrevista, o repórter deve orientar o cinegrafista quais as imagens que ele vai precisar para cobrir seu texto. Enquanto o cinegrafista captura todos os *takes* que serão usados, o repórter conversa com o entrevistado para colher mais informações sobre o assunto da matéria e deixa-lo mais à vontade para quando chegar o momento da gravação.

É muito importante que o repórter acompanhe também quais imagens o cinegrafista está capturando ele vai precisar narrar a cena que é vista na TV. Ele deve ficar atento a todas as informações que os entrevistados falam para que assim construa sua passagem, que é quando o repórter aparece no vídeo dando mais informações sobre o assunto.

O melhor momento para a colocação no roteiro da **passagem** do repórter será **na mudança de lugar ou de tempo**. Pense nisso ao gravar uma **passagem**. Se não houver essa alteração de lugar ou tempo, pelo menos transmita uma informação significativa: afinal, esse é o momento em que o repórter aparece! (ALCURE, 2011, p. 117, **grifo da autora**)

Um critério para a gravação de uma passagem também é a questão da falta de recursos imagéticos para narrar a cena. Essa falta pode ser substituída por ilustrações ou até mesmo uma arte, mas nem sempre o tempo é favorável para fechar uma reportagem com esses recursos. Sem falar que a presença do repórter na matéria dá mais credibilidade a informação, isso dependendo de quem seja o profissional, claro!



O processo de edição de matérias

Depois de gravada, a matéria passa pelo processo de edição, onde será dada a “cara da matéria”, a moldura, o acabamento, a finalização de todo o conteúdo. É preciso deixar bem claro que essa é a fase em que o jornalista já deve ter passado por todas as fases anteriores, principalmente pela produção. Ele deve ter uma carga intelectual muito grande, deve escrever bem, ler muito e ser criterioso nos conteúdos que vão ao ar.

Um editor de texto tem nas mãos o poder de decidir o que vai ser veiculado, um erro feito na edição pode comprometer toda a empresa. Mas, o pior de tudo, é quando uma edição prejudica as pessoas que aparecem nas matérias, são as chamadas edições tendenciosas. É por isso que existe a palavra isenção no jornalismo, e o editor, mais do que todos deve ser muito isento. Compromisso mesmo tem que ser com a notícia.

Assim, quando o jornalista vai realizar a seleção das notícias que a emissora apresentará a seu público, tem em vista que os critérios a serem adotados englobam filtros de origens variadas, representados pelos pressupostos legais e pelos interesses político-econômicos a que a emissora está sujeita. (ORTRIWANO 1948, p. 108)

Além disso, querendo ou não, o jornalista responsável pela moldagem do conteúdo, tem um alvo a atingir, os assuntos abordados da forma como a edição propôs vai refletir na sociedade. Quando faço essa afirmação, é por que muitas pessoas são guiadas pela mídia, e a informação que é vista na televisão, verdadeira ou falsa, é absorvida pela massa.

A reponsabilidade das mídias, de início, está na seleção de acontecimentos. Obnubiladas pelo acidental e pelo insólito, assimilando o acontecimento à desordem social, as mídias constroem uma agenda do mundo midiático que as impede de tratar o que se encontra à sombra da desordem aparente, sobe a parte saliente do iceberg. (CHARAUDEAU, 2006, p. 270)

Quis abordar nessa fase inicial do relatório que trata da edição, por que não podemos ficar inertes a determinadas ações que são feitas pela mídia, é a questão de olhar para o mundo de uma forma crítica. Reconhecendo as virtudes, mas também sendo ativos quando aos erros.

No processo de edição existe várias técnicas que são cruciais na hora de se tomar uma decisão, um editor não retalha um texto ou reportagem sem ter uma justificativa. Por isso, o texto do repórter deve sempre estar claro e não conter erros básicos, como por exemplo



chamar a sonora de uma pessoas que a todo tempo se refere ao ontem em uma matéria gravada hoje para sair amanhã, haja vista que quando a matéria for ao ar, o ontem será o hoje.

As falas dos personagens, portanto, além de estarem claras e corretas, devem ser curtas. Uma sonora grande demais numa matéria para TV cansa muito o telespectador. É aí onde entra o critério de seleção, e o editor deve tomar muito cuidado nessa hora.

Entra para a seleção de critérios os objetos que formam as imagens da matéria, o editor não pode deixar passar marcas de produtos dentro da matéria, essas cenas devem ser desfocadas. A preocupação também é com a postura e roupas do repórter. Mostrar a barriga numa passagem, nunca! A roupa deve estar bem composta e o repórter deve ter postura se não quiser que sua passagem seja banida da matéria.

Se o *off* do repórter tá enchendo muita linguça, não há outra alternativa, tem que ser cortado. É por isso que é comum o telespectador ver no ar que uma frase de um repórter ficou parecendo meio que incompleta, isso é espelho ou de frase sem sentido ou até de erros de concordância.

Esses são só alguns dos inúmeros exemplos do que um editor deve fazer, mas o trabalho dele vai bem mais além disso. É um trabalho de atenção, cuidado, critério. O editor de texto numa TV é, sem dúvida, uma pessoa que deve inspirar confiança para os demais profissionais. Ele deve estar sempre em contato com o repórter, seja para dúvidas na condução da matéria ou até mesmo na construção do texto da passagem. Ele sabe o que entra e o que sai, o que rende e o que não rende, o que pode e o que não pode.

Considerações Finais

Considerando toda a abordagem relatada como uma forma de expor em linhas o que foi feito na prática, é indispensável a afirmativa de que é necessário que haja mais publicações que falem justamente o que subjaz a produção jornalística, mostrando especificidades que não é possível encontrar na teoria. Falar de experiências no campo do jornalismo televisivo é falar de um amplo campo que jamais pode ser resumido a simples parágrafos, falo isso pela dificuldade em ter que abordar um assunto que requer tantas exemplificações em poucas palavras.

O jornalismo é bem mais do que muita gente imagina ser, e sua complexidade encontra-se na prática. Não é simples para o profissional que trabalha rotineiramente com a notícia saber contornar situações diárias. O profissional dessa área está exposto e sempre costumamos falar que ele dá a sua cara a tapa, lutando, muitas vezes, contra interesses



obscuros. Tudo isso para tentar garantir o mínimo da confiança das pessoas e, claro, construir um nome.

A credibilidade de um jornalista depende muito da forma como ele ver o trabalho que faz, por que é a partir dessa visão, que deve ser crítica, que ele vai ter capacidade para tomar decisões e fazer escolhas formulando a justificativa que explique o caminho que ele quer seguir. Quando trago aqui essa abordagem, é para que possamos ao menos pensar como pode ser definido o perfil desse profissional, quero dizer com isso que muitas das coisas que as pessoas imaginam são de fato como elas imaginam.

É só relatando experiências práticas, vividas no âmago de uma fábrica de notícias, que é possível ter essa compreensão da atividade jornalística. É possível adquirir a capacidade da competência de lhe dar com a notícia, sendo criterioso, moralmente respeitado e dignamente reconhecido por aqueles que mais representam o sentido de seu trabalho, os telespectadores.

Sem dúvidas, as atividades realizadas no estágio curricular são importantes para que o estudante possa desenvolver habilidades e profissionalismo, haja vista a necessidade, cada vez crescente, de profissionais competentes, que além de exercer seu papel profissional, exerça também o seu papel cidadão, sendo crítico e estabelecendo para si próprio critérios morais para a realização do seu trabalho.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Sílvio Henrique Vieira. **TV e cidadania**. All Print editora, 2010.

BISTANE, Luciana. BARCELAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução: Angela Corrêa. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

GLOBO, Organizações. **Princípios editoriais das Organizações Globo**. Rio de Janeiro: 2011. Disponível: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html> Acesso em 08 de maio de 2015.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis – vozes, 1985.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de escrever um jornal diário**. Contexto, 2002.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 2ª edição. Summus, 1985.



PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo: Jovem Pan**. 2ª edição. Ática, 1989.